

Associação Nacional de História – ANPUH  
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

**A arte de Fernanda Magalhães: reflexões sobre obesidade, poder médico e subjetividade na cultura contemporânea**

Luana Saturnino Tvardovskas\*

**Resumo:** Inspirada pelas reflexões de Michel Foucault a respeito do corpo e das normatizações que o constituem, focalizo nesse artigo a produção da artista visual londrinense Fernanda Magalhães (1962). Em suas obras, a artista opera deslocamentos e mutações do olhar, ao colocar em evidência os corpos de mulheres gordas. Sua postura artística e política deixa entrever um compromisso ético com o presente, uma crítica contundente às imposições de normas de beleza e de saúde constitutivas dos regimes de verdade de nosso tempo. Pensar as obras de Magalhães acompanhadas por Foucault permite, assim, compreender as potências criativas e as rupturas no pensamento promovidas pela artista. Seus trabalhos possuem alto rigor formal e são instigantes no que concerne à problematização das relações entre corpo, mulher e cultura na atualidade.

**Palavras-chave:** Fernanda Magalhães – corpo – gênero.

**Resumé:** Inspirée par les réflexions de Michel Foucault concernant le corps et les normalisations qui le constituent, je focalise dans cet article la production de l'artiste visuel Fernanda Magalhães (1962), qui habite à Londrina – Brésil. Dans ses œuvres, l'artiste opère des déplacements et des mutations du regard, lorsqu'elle met en évidence les corps de grosses femmes. Sa position artistique et politique laisse entrevoir un engagement éthique avec le présent, une critique puissante aux impositions des règles de beauté et de santé constitutives des régimes de vérité de notre temps. Penser les œuvres de Magalhães accompagnées par Foucault permet, ainsi, de comprendre les puissances créatives et les ruptures dans la pensée promues par l'artiste. Ses travaux possèdent une haute rigueur formelle et sont stimulants en ce qui concerne la problématique des relations entre corps, femme et culture dans l'actualité.

**Mots-clé:** Fernanda Magalhães - corps - genre.

Maria Fernanda Vilela de Magalhães (Paraná, 1962) possui uma trajetória artística permeada por enfrentamentos com as normas sociais que enquadram o corpo feminino em classificações. Neste mote, sua criação é acompanhada de um intenso trabalho sobre si, principalmente pela positivação de elementos de sua subjetividade e das imagens sobre o corpo da mulher gorda.

Pretende-se, nas próximas páginas, mostrar as interfaces presentes nas obras desta artista que fez de uma condição socialmente estigmatizada um campo aberto de experimentações da liberdade. Para tanto, nos aproximaremos das críticas e apontamentos

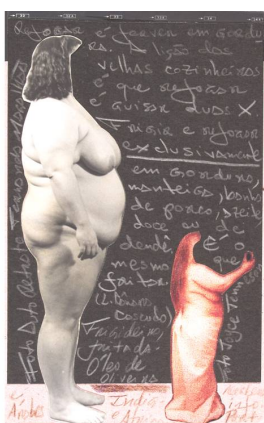
---

\* IFCH – Unicamp. Mestranda em História Cultural. Agência Financiadora: Cnpq.

presentes nas obras, conectando-as à historicidade de práticas da cultura ocidental contemporânea.

Esta artista nasceu em Londrina e mora nesta cidade até hoje. Formou-se em Educação Artística pela Universidade Estadual de Londrina, em 1989, e é especialista em fotografia pela mesma Universidade onde atualmente também é docente do Departamento de Arte, na cadeira de Fotografia. Desenvolve um amplo trabalho com instalações, objetos e performances.

Em 1993, a artista iniciou o projeto *A Representação da Mulher Gorda Nua na Fotografia*, composto de nove séries de trabalhos<sup>1</sup>. Em 1995, esse projeto recebeu o *VII Prêmio Marc Ferrez de Fotografia* da FUNARTE/ MinC. Na série de fotografias manipuladas (que possui o mesmo nome do projeto), a artista se apropria de diversos trabalhos visuais que têm como tema mulheres gordas.<sup>2</sup> Magalhães conjuga essas imagens reapropriadas com inscrições de textos bem humorados, formulando uma leitura crítica das abordagens que estes artistas têm sobre as mulheres gordas.



**Imagem I** - *Gorda 22*, série “A Representação da Mulher Gorda Nua na Fotografia”, Fernanda Magalhães, 1995

Nós lemos em uma destas obras frases escritas pela artista: “fazer suculento e farto”, “Os grandes representam fartura”, “A lição das velhas cozinheiras é que refogar é guisar duas X”, “Frigir e refogar exclusivamente em gordura, manteiga, banha de porco, azeite doce ou de dendê”. Suas inscrições, associadas às imagens de corpos de mulheres gordas nuas, denunciam, de modo ácido, aspectos da cultura urbana ocidental: a ironia da

<sup>1</sup>*Auto Retrato no RJ ; Auto Retrato, nus no RJ ; Auto Retrato em PXB ; A Representação da Mulher Gorda Nua na Fotografia ; Classificações Científicas da Obesidade ; Border ; Auto Retrato no RJ e Carta ; de viés ; Impressões da Memória.*

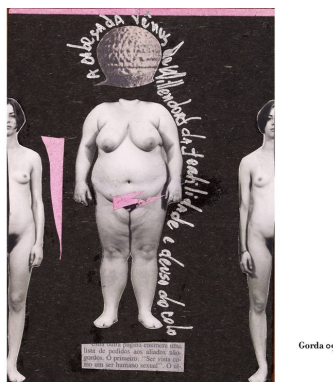
<sup>2</sup> Nesta série de manipulações sobre fotografia, a artista se apropria de imagens de Joyce Tenneson, Deborah Turbeville e Jan Saudek, e dos brasileiros Sergio Duarte, Sandra Bordin e Angelo Pastorello, além de fotos publicadas na revista *Buf*.

artista apresenta-se através destes trechos de receitas culinárias recheadas de gordura, cuja ingestão é comumente associada à obesidade.

Sander Gilman adverte o quão é escorregadio o conceito de obesidade, criticando os regulamentos que definem o excesso de peso corporal como causador de uma “deficiência clara” (GILMAN, 2004). Por outro lado, esta definição permanece fluida e dela muitas questões eclodem: “O que é a obesidade? Embora existam conjuntos de definições médicas contemporâneas da obesidade, também é claro que a definição daqueles que são obesos muda de uma cultura para outra com o passar do tempo” (GILMAN, 2004: 333-334).

Gilman parece notar a importância ética destas questões ao compreendê-las como problemas tanto culturais como históricos, onde o conceito de obesidade esbarra nas conformações entre normal e patológico, evidenciando os aspectos da construção cultural do corpo na atualidade. Foucault nota como as conformações e catalogações que operam nos corpos constituem questões políticas:

*“Mas o corpo está também diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder dele se apoderam imediatamente, elas o investem, o marcam, exigem dele signos (...). Esta tecnologia política do corpo é difusa, raramente formulada em discursos contínuos e sistemáticos; compõem-se freqüentemente de peças e pedaços, faz funcionar uma aparelhagem de processos discordantes” (FOUCAULT, 1977: 30-31).*



**Imagem 2**, *Gorda 9*, série “A Representação da Mulher Gorda Nua na Fotografia”, Fernanda Magalhães, 1995

Magalhães recorta seu próprio rosto em uma das obras: é seu auto-retrato, reação à perversa lógica de negação do corpo gordo. Segundo Mariana Botti, o auto-retrato comporta ao menos cinco séculos de tradição (BOTTI, 2005). Diagnosticando os usos do mesmo por artistas atuais, a autora evidencia que esta tendência do universo artístico relaciona-se à problemática da identidade, onde o auto-retrato pode servir como método de construção e controle da identidade, como contestação dos significados de gênero e também como possibilidade de exploração da própria subjetividade.

O auto-retrato de Magalhães também se conecta, por seu caráter acéfalo, aos comentários de Eliane Robert Moraes a respeito das interrogações da arte sobre a figura humana (MORAES, 2002). Essa autora comenta que desde o final do século XVIII surgiram diversas expressões artísticas que pretendiam se contrapor à busca por uma imagem ideal do homem, utilizando o imaginário do dilaceramento como seu principal método. Embora diferentes, estética e historicamente, nestas expressões a problematização da cabeça repousa na origem da interrogação acerca da perspectiva assustadora de confinamento do humano num retrato definitivo e imóvel. Deste modo, ao abordar o tema do acéfalo em Bataille, Moraes instiga: “se a cabeça representa a forma perfeita através da qual o ser humano constrói as certezas ilusórias sobre si mesmo, é precisamente dela que ele deve escapar” (MORAES, 2002: 219).



**Imagem 3**, *Gorda 13*, série “A Representação da Mulher Gorda Nua na Fotografia”, Fernanda Magalhães, 1995.

Na série *A Representação da Mulher Gorda Nua na Fotografia*, os títulos das imagens são numerados: *gorda3*, *gorda12*, *gorda22*, etc.<sup>3</sup>, o que parece denunciar nosso hábito homogeneizador e técnico de olharmos os corpos. Em *gorda13*, feito a partir de foto da revista *Buf* e de um auto-retrato recortado, é possível ler um trecho da colagem da revista:

*“Quero que as mulheres magras e médias encarem a disforia de sua imagem corporal e se dêem conta de que há um mundo de diferença entre suas experiências de mulheres que odeiam seus corpos e minha experiência de ser gorda. Todos os corpos femininos são odiados em nossa cultura, e isso não significa que todas as mulheres sejam gordas.”*

<sup>3</sup> Trabalhos feitos a partir de foto de Sergio Duarte e foto auto-retrato com modelo (*gorda3*), de foto da revista *Buf* (*gorda12*) e de foto de Joyce Tenneson e foto auto-retrato (*gorda22*).

Ou ainda: “(...) os cânones que regulam nossa vida social viessem a regular nossos desejos sexuais.”

As palavras soam impactantes quando recortadas e associadas à imagem bucólica da jovem nua. Indicam questões, problematizações e interdições ao corpo e à sexualidade feminina. Segundo Tania Swain, a atividade teórica proposta por algumas feministas é uma “teoria da carne”, pois exige o deslocamento, o desenraizamento de balizas seguras acerca de pressupostos como o “ser mulher” em um corpo biologicamente definido (SWAIN, 2002). Assim, debruçar-se sobre as próprias construções a fim de desfazê-las, como faz Magalhães, constitui o modo privilegiado para a desconstrução de sentidos sociais arraigados. Acerca desta proposta teórica, Swain afirma:

*“Estar consciente da materialidade da experiência que nos cria em identidades e corpos, que nos designa lugares de fala, mas procurar excedê-los, esta é a tarefa crítica do feminismo, perseguindo direções múltiplas, pois a vastidão do horizonte é como o arco-íris: sempre em vista, sempre distante, agulhão do desejo”* (SWAIN, 2002).

Na contemporaneidade, o corpo é tomado como um campo de batalha por diversos artistas visuais e Magalhães insere-se nesta linha com seu trabalho autobiográfico. A apropriação das imagens produzidas pela artista não é, deste modo, arbitrária ou neutra e, como comentam as curadoras Peregrino e Magalhães:

*“Ser gorda e ser de uma família de gordos trouxe para ela ‘questionamentos incômodos de muitas aflições’ que foram acirrados sobremaneira em 1993, em sua passagem pelo Rio de Janeiro, sob o impacto de uma extrema valorização do corpo nunca antes experimentada tão intensamente pela artista em outra cidade”* (MAGALHÃES e PEREGRINO, 1995)

A partir deste período no Rio de Janeiro e do curso “Atelier Livre de Fotografia”, ministrado pelo artista Pedro Vasquez<sup>4</sup>, na UFF, a artista iniciou as séries *Auto Retrato* e *Auto Retrato nus*, “surgindo posteriormente a idéia de resgatar a representação da mulher gorda nua na história da fotografia” (MAGALHÃES e PEREGRINO, 1995).

Assim, mergulhando nas obras dos fotógrafos escolhidos<sup>5</sup>, compreendendo-as em suas características conceituais e colocando-as à luz de seus questionamentos sobre a gordura

<sup>4</sup> Pedro Karp Vasquez (Rio de Janeiro RJ 1954). Fotógrafo, crítico de arte e fotografia, curador, jornalista e professor.

<sup>5</sup> As curadoras da exposição, acerca da apropriação de Magalhães de imagens dos autores anteriormente citados, comentam: “Depois de Joyce Tenneson que captava com sua câmera mulheres gordas, de longos cabelos, seminuas, de Deborah Tubeville, cujas imagens de modelos e situações transgridem o ponto de vista da mulher objeto, de Jan Saudek com a construção de nus femininos impregnados de sensualidade ou dos brasileiros Sergio Duarte, Sandra Bordin e Angelo Pastorello, torna-se plausível que Fernanda Magalhães usufrua deste rico escopo de trabalhos, que adquirem um alcance ainda maior, quando se sabe que estas fotos apropriadas encarnam um relato autobiográfico de um questionamento da artista e de sua conseqüente superação com a ruptura dos tradicionais cânones de beleza direcionados para outro tipo de visão.” Id. “A liberdade do corpo amordaçado”, op. Cit.

e o corpo da mulher, uma série de rupturas é formulada. Fernanda Magalhães modifica essas fotos num processo de construção estética, para figurar não apenas uma simples visão.

Suas críticas à sociedade, principalmente à rigidez das normas que recaem sobre o corpo da mulher, apresentam-se ora ácidas, abertamente questionadoras do poder médico e das classificações científicas da obesidade, ora mais intimistas, sugerindo segredos nos detalhes. São referências à sua vida cotidiana, à sua experiência e subjetividade, às revoltas e vontade de subverter as normas rígidas que visam formatar as identidades. São críticas às polarizações masculino/feminino, juventude/velhice, saudável/doente que retomam o antigo argumento da naturalização dos corpos, remetendo ao biológico, à evolução, aos corpos como superfície pré-discursiva, pondo em ação categorias sociais que criam os corpos em bases identitárias, articuladas pelo gênero e pela idade (SWAIN, 2003).

Para Magalhães, os enunciados sobre saúde e esbelteza geram um estado de suspensão na subjetividade da mulher gorda. É a experiência de opressão chamada pela artista de “morte em vida”: um corpo sempre negado, pensado como uma condição passageira que precisa ser transformada. Além dos fantasmas da solidão e da baixa auto-estima, rondam por aí aqueles da doença. Sabemos que, na atualidade, diversos enunciados repetem fórmulas enaltecidas da liberdade individual, desta perversa lógica de que somos os únicos responsáveis por nossas conquistas, mas também por nossas dores.

A artista compreende o corpo na atualidade em sua experiência de fragmentação e dilaceramento, repleto de contaminações que constantemente o invadem e o modificam. Além disso, atenta para a busca incessante por uma superação e perfeição máximas, através de fórmulas artificiais que desejariam a aquisição de uma experiência de eternidade:

*“Corpos vigiados e controlados em uma insana busca por chegar ao lugar prometido, à glória, ao espaço de conquista. Todos buscam, mas ninguém sabe dizer exatamente o que se busca. Pela felicidade? Pelo amor? (...) O corpo perfeito e imortal, sem doenças e nem envelhecimentos. O paraíso ou o inferno?”*  
(MAGALHÃES, 2005).

Magalhães fala sobre uma inadequação sentida, vivenciada, mas também coletiva. Revela em sua fala as contradições dos desejos e imposições sociais acerca do corpo, debatendo temas como as novas formas de investimento sobre o mesmo e as recentes fórmulas de saúde e beleza a qualquer preço. Essas críticas da artista conectam-se às considerações que Paula Sibilia faz, em *O homem pós-orgânico*, acerca dos problemas que novas modalidades de saber como a tecnociência contemporânea produzem e que são de enorme importância para a compreensão dos caminhos e rupturas de nossa sociedade (SIBILIA, 2002). Sua análise concentra esforços para o esclarecimento de tendências

duvidosas, como a idéia da obsolência do corpo orgânico perante um horizonte geneticista e evolutivo já vivenciado na atualidade.

Os desdobramentos destas conquistas científicas incluem novos modos de exercer controle sobre a vida, de sujeitá-la, controlá-la e prevenir riscos, atualizando a necessidade de refletirmos sobre os conceitos foucaultianos de biopoder como a *biopolítica*<sup>6</sup>.

A artista evidencia a ausência de espaço dedicado ao debate sobre conseqüências físicas e emocionais derivadas destas manipulações, compreendendo também as práticas culturais que, além de almejam o corpo ideal, rechaçam e desqualificam qualquer aspecto dos corpos e da sociedade que não caiba em seus espaços. Segundo a historiadora Denise Sant’Anna, o peso do corpo é algo que na perspectiva velocista de nossa sociedade deveria ser aniquilado (SANT’ANNA, 2001). Ele é o empecilho constante para atingirmos a eternidade. Neste raciocínio, é compreensível a aversão ao corpo gordo em nosso tempo. Ele foi considerado lindo e especial em épocas que não se fascinaram pela efetividade do corpo magro, mas “no decorrer deste século, os gordos precisaram fazer um esforço para emagrecer que lhes pareceu bem mais pesado do que o seu próprio peso” (SANT’ANNA, 2001:21).

Os lugares públicos não os comportam, das poltronas às roletas. Para Sant’Anna a imagem do gordo possui uma representação social complexa: eles simbolizam a perda de velocidade e também acúmulo de riqueza e poder. Não devemos acumular, devemos fluir: “(...) a gordura liga-se ao turvo, ao esforço em percorrer grandes distâncias e, ainda, a um constrangedor silêncio” (SANT’ANNA, 2001: 22).

Neste mote, Magalhães afirma que o discurso médico promove uma limpeza nos espaços urbanos e nos corpos que pretende um “desengorduramento” de tudo. Esse corte ao corpo gordo, defendido pelo discurso médico, associa a obesidade à morbidez, à sujeira e ao asco. Essa higiene visa, para a artista, a imposição de uma norma, de uma padronização que acaba por cegar através do excesso e proliferação de imagens na mídia.



Classificações Científicas da Obesidade  
Brasil - SESC Belenzinho  
São Paulo - dezembro de 2000

6  
d  
preender que este poder exercido sobre a vida se deu de duas maneiras das disciplinas do corpo, de seu adestramento e integração em sistemas de controle; e através das regulações da população (intervenções e controles reguladores sobre os nascimentos, a mortalidade, a saúde, a duração da vida, etc.). E este processo, iniciado no século XVII, possibilitou que se formasse a grande tecnologia do poder no século XIX, na qual o “dispositivo da sexualidade” é um de seus agenciamentos concretos mais importantes. Nesta pesquisa, essas críticas de Foucault servem como meio de compreensão dos investimentos sobre o corpo e a sexualidade, notando-se, evidentemente, as especificidades de suas conformações atuais.

Subvertendo essa lógica, a artista produz uma obra onde evidencia, através da inversão da perversa lógica dos cortes, o espaço corpóreo através do qual se define e esquadrinha as pessoas gordas.

São as margens desse corpo, ironicamente expostas como sobra, que marcam uma identidade não aceita. Sabemos bem, como as classificações pretendem normatizar e controlar os corpos desde o início da modernidade.

Não é novo o argumento da higienização, da exclusão dos diferentes, dos deformados física ou psiquicamente em detrimento da melhoria geral da sociedade. Homossexuais, deficientes físicos, gordos, judeus, mulheres, prostitutas: inúmeras classificações científicas formatando e sujeitando corpos em regimes pré-estabelecidos de verdade.



Classificações Científicas da Obesidade  
Balaio Brasil - SESC Belenzinho  
São Paulo - dezembro de 2000

Através do trabalho *Classificações Científicas da Obesidade* Magalhães induz à reflexão e propõe a mudança de foco, pois ao nos defrontarmos com esses corpos enormes e sensuais, nossa percepção viciada pelos anúncios publicitários é convidada a se transformar. O vazio que os constitui marca a singularidade de uma subjetividade construída pela negação, por aquilo que ela não é, mas deveria ser: um corpo normal. Permitem até mesmo que um corpo magro se acomode em suas margens para sentir um

pouco de sua plenitude e volume.

A obra é como uma metonímia do corpo gordo. O excesso que o envolve, que deveria ser eliminado através de inúmeros procedimentos cirúrgicos se transforma, ao final, em tudo o que ele é. A construção dessa identidade fixa, estigmatizada e sujeitada mostra aos poucos suas contradições: a impossibilidade de se ser como se é, pelo tempo que se desejar.

Fernanda Magalhães evidencia principalmente a beleza estética destas margens, desses contornos sinuosos e plenos, tornando-os ainda mais leves e delicados através da estrutura de suspendê-los por fios quase imperceptíveis. Neste baile, as curvas são positivadas, as dobras de pele se mostram como volumes necessários, vivos.

A artista reflete constantemente sobre essa infinita liberdade de manipulação sobre os corpos, evidenciando as dores e estados de suspensão experimentados durante os tratamentos de saúde. Obviamente, não são as cirurgias os alvos de críticas da artista, mas a indiferença em torno da questão da suspensão em que o indivíduo “modificado” se inscreve. Ela não se identifica com a norma da beleza plástica a qualquer preço e questiona a

obrigatoriedade de seguir às cegas as recomendações de alguns discursos médicos, construindo para si argumentos de defesa a esses enquadramentos.

Magalhães faz saltar aos olhos a estrutura dos enunciados que aprisionam o corpo gordo na lógica do “corpo que não pode ser”. Isto é, os discursos médicos a todo o tempo explicitam as doenças que podem derivar deste “estado” de corpo. Em *Classificações Científicas da Obesidade*, a artista se apropria do termo médico que segrega em grupos (normal, obesidade mórbida, etc.) as graduações de gordura corpórea. Assim, levanta o questionamento sobre as verdades instituídas pelo saber médico, sobre a efetividade de enquadrar o conceito de saúde dentro de “taxas”, muitas vezes sem que se leve em conta aspectos como qualidade de vida, de alimentação, estrutura familiar, etc.

Aqui, não se trata de defender que pessoas gordas devam ou não emagrecer para tornarem-se mais ou menos saudáveis, por outro lado, visa-se diagnosticar os enunciados que servem muitas vezes como base para ações preconceituosas e desrespeitosas. Oferecida como deleite a obra de Magalhães evidencia de modo áspero esta genealogia dos saberes e poderes que produzem práticas culturais opressoras na pós-modernidade.

### Referências Bibliográficas:

BOTTI, Mariana Meloni V., **Espelho, espelho meu? Auto-retratos fotográficos de artistas brasileiras na contemporaneidade**, Dissertação de mestrado, UNICAMP, IA, Campinas, 2005.

FOUCAULT, Michel, **Vigiar e Punir**, Petrópolis: Vozes, 1977.

GILMAN, Sander L., *Obesidade como deficiência: o caso dos judeus*, In: **Cadernos Pagu (23)**, Campinas: Editora da Unicamp, Julho-dezembro de 2004.

MAGALHÃES, Ângela e PEREGRINO, Nadja, *A liberdade do corpo amordaçado*, In: catálogo da exposição **A Representação da Mulher Gorda Nua na Fotografia**, desenvolvida por Fernanda Magalhães, 1995.

MAGALHÃES, M<sup>a</sup> Fernanda Vilela de, **Corpo Re-construção**, vols. I, II e III, Projeto de Qualificação de Mestrado para o programa de pós-graduação do IA, UNICAMP, 2005.

MORAES, Eliane Robert, **O corpo impossível**, São Paulo: Iluminuras, 2002.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi, **Corpos de Passagem**, São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SIBILIA, Paula, **O homem pós-orgânico**, Rio de Janeiro: Relume, 2002

SWAIN, Tania Navarro, “*As teorias da carne*”: *corpos sexuados, identidades nômades*, In: **Labrys, estudos feministas**, número 1-2, julho/dezembro de 2002. <http://www.unb.br/ih/his/gefem>

SWAIN, Tania Navarro, *Velha? Eu? Autoretrato de uma feminista*, In: **Labrys, Estudos Feministas**, Número 4, agosto/dezembro 2003. <http://www.unb.br/ih/his/gefem>